

CULTIVAR ATITUDES, PROMOVER O PROFISSIONALISMO

J. Martins e Silva*

É um facto reconhecido de que a prática clínica actualmente exercida nas sociedades contemporâneas mais industrializadas tem escassas ou nenhuma semelhanças com as dos séculos anteriores. Na origem desta diferença, já evidente nas últimas dezenas de anos, não é difícil identificar duas causas principais: por um lado, o aumento em quantidade, qualidade, diversidade e complexidade, dos conteúdos e dos instrumentos que fundamentam o acto médico; por outro lado, a acelerada mutação verificada nas características da sociedade, de que resultaram (e continuarão a suceder) profundas alterações, com influência directa e/ou indirecta na vida humana.

Perante tão ampla e divulgada evidência justifica-se uma reflexão sobre as suas eventuais repercussões daquelas modificações na própria natureza da profissão médica, em particular no que concerne ao comportamento e valores subjacentes à sua prática no presente e no porvir, comparativamente aos do passado. Há efectivas razões para nos interrogarmos se, não obstante ser enorme o desenvolvimento científico e tecnológico associado à Medicina e serem múltiplas as modificações sociais entretanto ocorridas, o médico de hoje será igual ou diferente no que se refere a dedicação, profissionalismo, comportamentos e valores altruístas dos clínicos de há um século, por exemplo.

Em princípio, o relacionamento dos médicos contemporâneo com os seus doentes e perante a doença não deveria desmerecer do que era há algumas dezenas ou, com maior justificação, centenas de anos atrás. Também as expectativas que os doentes

* Prof. Catedrático, Instituto de Biopatologia Química, Faculdade de Medicina de Lisboa

possam ter quanto aos cuidados e apoio prestado pelos seus médicos não serão substancialmente inferiores aos daqueles tempos. Acima de tudo os doentes querem continuar vivos e, de preferência, saudáveis.

Lamentavelmente, em circunstâncias distintas e através de intervenientes diversos, têm sido apontados exemplos de actuação desvirtuadora da profissão médica, eventualmente associados a uma deficiente formação humana e/ou profissional dos visados. Todavia, por ser hoje possível (técnica e socialmente) dar ampla e exaustiva divulgação pública dos factos mais negativos do comportamento humano, nada autoriza que se conclua haver hoje maior prevalência de atitudes desviantes do que no passado, no que se refere à classe médica.

Não deveriam existir dúvidas sobre a honorabilidade humana e profissional dos indivíduos que escolheram a Medicina como projecto de vida. Contudo, seria prova de grande ingenuidade acreditar que os homens são todos iguais, e que o altruísmo e a compaixão constituem características naturais indissociadas do género humano. Pelo contrário, cada ser humano é um complexo de emoções, motivações, capacidades e, também e somente, uma parte incompleta e nunca terminada de um todo em permanente interacção e remodelação (ou degradação), quer física quer psicológica. Uma vez o produto é bom mas em outras, felizmente mais raras, assim não sucede.

No pressuposto de que o comportamento de cada ser humano é uma incógnita, cuja revelação depende em

grande parte de si próprio, resta ter confiança de que os novos candidatos, todos os anos admitidos com, aparentemente, indesmentível vocação para Medicina, estejam entre os que consciencializaram a reflexão legada por Blaise Pascal, de que “são uma nada em comparação com o infinito... intermediários entre o nada e o tudo”. Neste entendimento, que será um primeiro passo para a sabedoria, cada médico, cada futuro médico, saberá decerto assumir com dignidade e espírito de missão as suas responsabilidades, actuando em qualquer circunstância perante os seus docentes, os seus colegas e também os seus alunos, com profissionalismo e humanidade.

Apesar de ninguém nascer ensinado, existem potencialidades em cada um a justificar que, havendo condições, florescerão na altura própria.

A humanidade, a compassividade pelos que sofrem, o altruísmo, a honestidade, o sentido de justiça, a lealdade, a dignidade, são exemplos de qualidades intrínsecas, aparentemente inatas.

Eventualmente, algumas dessas qualidades poderão melhorar se forem cultivadas, ou adquirir maior (mais) evidência com a maturidade. Todavia, poderá também, em alguns casos, suceder o contrário, isto é onde antes existiam qualidades passou a haver defeitos.

Pressupondo que as circunstâncias negativas sejam raras, concentremo-nos nas condições e nas circunstâncias da vida que possam assegurar a completa expressão e expansão dos valores humanos fundamentais.